

FORMAÇÃO CIDADÃ EM ENFERMAGEM: MITO OU POSSIBILIDADE UTÓPICA?

CITIZEN FORMATION IN NURSING: MYTH OR UTOPIC POSSIBILITY?

FORMACIÓN DE LA CIUDADANÍA EN ENFERMERÍA: MITO O
POSIBILIDAD UTÓPICA?

Mara Regina Lemes De Sordi¹

Érika Bomer²

Flávia Packer Alves²

RESUMO: O objetivo desse trabalho é constatar, a partir da aplicação de questionários aos alunos concluintes do curso de graduação, as concepções de universidade, cidadania, compromisso social e sistema de saúde, que sintetizam sua forma de ver e praticar enfermagem. O Projeto Pedagógico do curso é tomado como referência para análise dos discursos dos alunos. Observa-se que os futuros egressos ainda não evidenciam avanços nas concepções de mundo, de educação e saúde sugerindo que a proposta pedagógica precisa ser constantemente reavaliada para ter impacto na ampliação da visão dos estudantes. Reconhece-se a heterogeneidade discursiva dos alunos contrastando com a aparente semelhança no domínio de conteúdos específicos. Ressalta-se o movimento dialético que afeta as práticas docentes oscilantes entre a formação crítica e formação orientada pela lógica cartesiana. Conclui-se que a avaliação contínua do projeto educacional é estratégia vital para a consolidação de uma formação comprometida com a cidadania coletiva.

PALAVRAS CHAVE: ensino em Enfermagem, cidadania, compromisso social.

INTRODUÇÃO:

Uma marca discursiva dos projetos de formação dos enfermeiros é a valorização de um profissional comprometido com as demandas sociais, que saiba usar sua competência técnica em uma dimensão não tecnicista. Para tal, a organização curricular deve favorecer um conjunto de experiências ao aluno, que privilegie a leitura da realidade social de forma crítica e transformadora.

Segundo o Projeto Pedagógico da FACULDADE DE ENFERMAGEM (1994) da PUC-Campinas (1994), o enfermeiro formado pela escola deverá possuir o seguinte perfil em sua ação profissional:

- Assumir postura condizente com os princípios éticos da profissão e respeitar e valorizar o homem em sua totalidade, reconhecendo sua dignidade, permitindo o desenvolvimento de suas potencialidades criativas, possibilitando-lhe liberdade de exercício de seus direitos de cidadania;
- Possuir consciência crítica da realidade da saúde do país e, por compreendê-la, assumir atitudes e comportamentos efetivos para transformá-la através de sua ação-reflexão contínuas;
- Assumir seu papel de educador, compartilhando seu saber e ensinando pelo

¹ Professora da Faculdade de Enfermagem da PUC-Campinas e Faculdade de Educação da UNICAMP. Doutora em Educação e Tutora do Grupo PET/CAPES.

² Discente do 4º ano de Enfermagem da PUC-Campinas e bolsista do grupo PET/CAPES.

exemplo e pelas respostas que constantemente dá aos questionamentos que se lhe apresentam nas diferentes situações do cotidiano, junto aos clientes e suas famílias, bem como junto à equipe multiprofissional;

- Estabelecer relações interpessoais produtivas com o cliente, família, comunidade, equipe multiprofissional e equipe de Enfermagem, interagindo profissionalmente, superando situações do conflito de forma democrática e transparente;

- Adotar metodologia de trabalho que oriente o planejamento lógico e científico de suas ações, como parâmetro para tomada de decisões na organização do processo de trabalho de enfermagem, sistematizando as ações da equipe de modo a garantir a qualidade da assistência ao paciente/cliente;

- Possuir curiosidade intelectual e utilizá-la em favor do desenvolvimento do corpo de conhecimentos em enfermagem, produzindo saber necessário e condizente com os interesses da maioria da população brasileira;

- Possuir competência técnica e política para o exercício de enfermagem nos diferentes níveis de atenção à saúde, gerenciando os recursos humanos e materiais necessários à assistência prestada através do planejamento, coordenação, supervisão, educação e avaliação da sua equipe de trabalho, bem como da execução de procedimentos de enfermagem aos pacientes de maior complexidade e risco;

- Ter capacidade de inserir-se na equipe multiprofissional, desenvolvendo o trabalho coletivo em saúde, constituindo-se em referência através de ação comprometida com os interesses de saúde da população brasileira, reconhecendo tanto os limites como as potencialidades de seu trabalho, consolidando sua autonomia técnica em seu espaço de intervenção".

Como manter a coerência desta formação dentro da lógica neoliberal? Lógica na qual os valores centrais são: competitividade, mensurabilidade, lucro e que "também descarta a necessidade de existência dos direitos sociais e políticos, os quais só serviriam para difundir um certo clima social de acomodação e desrespeito pelo esforço e pelo mérito individual" (Gentili, 1994, 234p).

O neoliberalismo pretende, para se impor, apagar da memória coletiva o conflitivo processo de construção social de noções como cidadania, bem comum, solidariedade, igualdade, direitos sociais. (Suárez, 1994, 256p).

Será então, que o processo de formação, sofrendo os impactos desta lógica, consegue trabalhar e aprofundar concepções que contêm valores considerados ameaçadores do poder e capazes de construir alternativas políticas viáveis que a ele se oponham?

Pensando nisso, por meio deste trabalho pretendemos avaliar o impacto do projeto de formação defendido por esta escola, na forma de ver e praticar a Enfermagem dos alunos concluintes de modo a analisar como eles estão deixando a universidade.

OBJETIVOS

Constatar as atuais concepções de universidade, mercado de trabalho, sucesso profissional, compromisso social, cidadania e sistema de saúde brasileiro, dos alunos concluintes do curso de graduação em Enfermagem da PUC-Campinas, que sintetizam a sua forma de ver e praticar Enfermagem e

Refletir sobre o impacto do processo formativo na construção/modificação das concepções acima citadas junto aos futuros egressos do curso.

METODOLOGIA

Os dados para o estudo foram coletados por meio de questionário, com questões abertas, aplicado aos alunos concluintes do curso de Enfermagem da PUC-Campinas, no Estado de São Paulo, Brasil.

Além de responder aos dados de identificação (idade, sexo, estado civil ...), os alunos respondiam a seguinte questão aberta "Qual sua concepção sobre", seguida dos elementos a serem analisados – universidade, mercado de trabalho, sucesso profissional, compromisso social, cidadania e sistema de saúde brasileiro. O anonimato foi garantido e os alunos podiam optar pela participação ou não no estudo.

O instrumento, aplicado no início do ano letivo de 1998, obteve a participação de 32 alunos - 82% do total de 39 matriculados na 4ª série do curso.

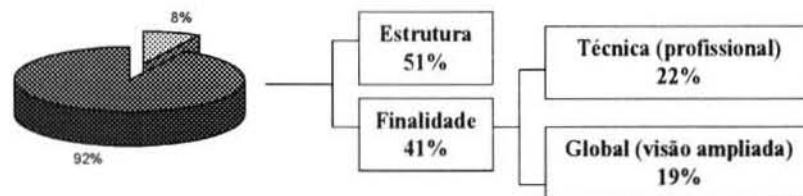
As respostas foram organizadas de forma a favorecer a análise quanti-qualitativa e foram objeto de leituras exaustivas visando encontrar sua tendência e extrair as categorias centrais dos discursos. A análise procedida baseou-se na perspectiva hermenêutica-dialética apontada por Minayo (1996). O projeto pedagógico do curso também foi tomado como referência para análise, pois enuncia os objetivos micro e macro-sociais que orientam o processo de formação.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Visando contextualizar as respostas, pretendemos aqui caracterizar a população pesquisada que apresentava as seguintes características: 41% têm idade entre 21 e 25 anos; 88% são do sexo feminino; 66% são solteiros; 59,5% trabalham atualmente; 75% escolheram a Enfermagem como 1ª opção e 69% ingressaram na Universidade em 1995.

A seguir apresentaremos a tendência das respostas obtidas junto aos alunos na conceituação dos termos selecionados para identificar o impacto do processo formativo na alteração da visão de mundo dos estudantes o que, de alguma forma, retrata e anuncia o potencial reflexivo dos mesmos em seu futuro agir profissional.

GRÁFICO 1 – Conceito de Universidade expressado pelos alunos concluintes do curso de graduação em Enfermagem PUC-Campinas. 1998.



Quando indagamos aos alunos sobre sua concepção atual de universidade, não objetivávamos com essa questão descobrir o significado para a palavra universidade, mas apreender das respostas o que eles pensam, vivem e sentem na universidade. Seria portanto, captar o significado da universidade para os mesmos. Contudo 51% das respostas limitaram-se a referir-se a ela no plano estrutural, como se tratasse de uma experiência não experimentada enquanto espaço educativo: "Conjunto de faculdades" ou ainda "Instituição educativa com cursos de graduação e pós-graduação", foram algumas respostas obtidas.

Cerca de 22% das respostas referem-se à dimensão técnica, como se a única finalidade da universidade fosse a de centro de formação profissional: *"Preparar para exercer uma profissão"* ou *"Oferecer uma profissão aos alunos"*. Mas concordamos com Rodrigues (1997, p.48) quando afirma que:

"... além de ser o lugar de formação em uma carreira específica, a sala de aula é um lugar de informação sobre a cultura acadêmica; onde o aluno tem as primeiras possibilidades de mostrar suas habilidades, de manter contatos, iniciar-se nas atividades de pesquisa, preparando-se para um possível futuro ingresso na carreira acadêmica. E, seja a carreira acadêmica uma escolha e um investimento ou decorrência do acaso e de circunstâncias extemporâneas, aqueles que resolvem segui-la têm que buscar formas de convivência e expressão dentro desse contexto"

A universidade não é só ensino, não deveria só transmitir conhecimento, não é um centro de condicionamento; mas um espaço de construção, de indagação, de troca, com o objetivo não apenas de informar mas, principalmente, formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de pensar e agir de maneira diferenciada, social e cientificamente.

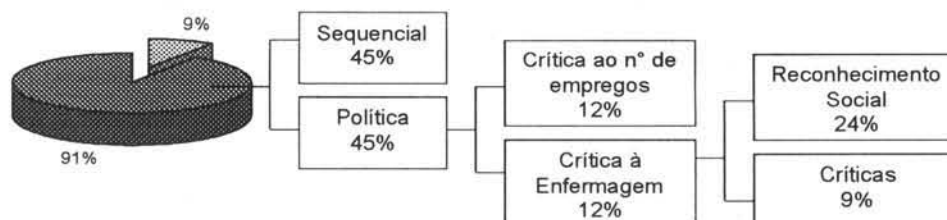
Somente 19% vêem como finalidade da universidade uma educação global, capaz de formar indivíduos com visão ampliada de mundo: *"Deveria preparar o indivíduo para ser um profissional competente, capaz, seguro e crítico"* ou *"Local de encontro de várias pessoas, de diferentes pensamentos, que estão na faculdade para aprender uma profissão e para trocarem idéias sobre vários assuntos, como cidadania, política e etc.."*

A partir da análise das respostas obtidas pudemos perceber que os alunos, embora concluintes, em sua maioria, ainda não entenderam e não viveram a dimensão mais ampla da universidade - a de formar profissionais tecnicamente competentes, mas possuidores de um olhar crítico e investigativo, que dê ênfase ao compromisso social, político e ético que cada cidadão deve ter consigo e com os demais.

E por que os alunos não se aperceberam desta dimensão de Universidade? A própria vivência na universidade não lhes proporcionou? Os alunos se abstiveram?

Quando analisamos o sistema econômico-político no qual estamos inseridos – neoliberal – cujo cume descarta a importância da cidadania, da ética, de questões sociais, em favor do mercado, podemos imaginar os perigos decorrentes desta visão alienada de universidade, que diminui as possibilidades de uma inserção crítica no mercado de trabalho .

GRÁFICO 2 – Conceito de mercado de trabalho emitido por alunos concluintes do curso de graduação em PUC-Campinas, 1998.



Quando questionamos sobre mercado de trabalho, obtivemos os seguintes resultados: 45% das respostas descreveram o conceito, de forma acrítica, evidenciando um trajeto sequencial (natural) de um recém formado: *"Emprego oferecido"*; *"Vagas disponíveis para uma determinada profissão"*, *"Campo que todo recém formado entrará quando terminar a faculdade"* ou ainda *"Locais disponíveis para você ingressar logo após ter concluído seu curso"*. Os alunos

demonstram estar seguros em relação ao emprego no futuro, desvinculando-se de uma leitura política do tema.

Outros 45% das respostas caminham para uma análise mais crítica e política do atual mercado de trabalho. Destes, 12% referem-se ao crítico e crescente número de desempregados, não analisam o mercado em uma lógica individualista, demonstrando preocupação com o desemprego geral: *“Alto desemprego”* ou *“Só os mais especializados e com experiências anteriores conseguem emprego”*. Dos respondetes, 33% referem-se ao mercado de trabalho específico da enfermagem, desvinculando-o do cenário global; destes 9% criticam a falta de reconhecimento profissional e a baixa remuneração: *“Tem que ter experiência, na maioria o que não falta é emprego, só que não é muito bem remunerado e não se é valorizada”*; e 24% o consideram promissor e em ascensão no reconhecimento social: *“Para a enfermagem existe um amplo mercado de trabalho, onde quanto mais profissionais são formados, ainda nota-se uma grande falta de profissionais disponíveis”*.

É necessário que se faça uma leitura analítica do individualismo das respostas apresentadas, nas quais, grande parte dos alunos estão centrados no “eu”, e apenas 9% das respostas revelam indícios de uma lógica mais coletiva, o que demonstra o despreparo político para a formação de grupos multiprofissionais e organização para futuras reivindicações no próprio mercado de trabalho - o que talvez seja mais um indício da influência negativa do neoliberalismo na formação: pessoas politizadas, que não pensem em si próprias apenas, ameaçam o sistema – então, para que formá-las?

GRÁFICO 3 - Conceito de sucesso profissional emitido pelos alunos concluintes do curso de graduação em Enfermagem PUC-Campinas, 1998.



Quando questionamos sobre sucesso profissional, 47% das respostas dizem respeito a fatores pessoais: *“Satisfação como ser humano como um todo”, “Atingir os objetivos como enfermeira”*. Neste caso, o sucesso profissional está diretamente ligado com o bem-estar pessoal e a realização. Outros 6% das respostas colocam o fator econômico como sinônimo de sucesso profissional: *“É quando o indivíduo realiza-se profissionalmente, ou melhor, quando está no “auge”, e só atingimos o sucesso profissional quando estamos ganhando um bom salário”. E 16% consideram tanto fatores pessoais como econômicos importantes: “Conseguir um bom emprego, que satisfaça as necessidades econômicas e principalmente que seja o que o indivíduo queira”*.

Cerca de 12% das respostas são meritocráticas, ou seja, relacionam o sucesso profissional com cada indivíduo, depende de cada um conseguir ou não o sucesso: *“Vai depender de cada um, de como investirá na sua formação profissional”*.

Outros 16% relacionam o sucesso com o aperfeiçoamento constante, só aquele que continuar a estudar e aprofundar no conhecimento terá o sucesso profissional garantido: *“Através de competência, dedicação e vontade de aprimorar e acrescentar cada vez mais conhecimentos”*.

Ao analisarmos esta questão temos que levar em conta que o sucesso profissional está intimamente ligado a condições anteriores de vida, existe um claro divisor de águas entre aqueles que querem crescer e aqueles que têm acesso às oportunidades de uma educação continuada. Pois em uma sociedade capitalista as condições sócio-econômicas influenciam diretamente no acesso aos estudos, livros, congressos, aperfeiçoamento constante, que refletem em um posterior sucesso profissional, o que retira do indivíduo a soberania para decidir sobre seu futuro profissional.

GRÁFICO 4 - Concepção de compromisso social de alunos concluintes do curso de graduação em Enfermagem, Campinas, 1998



A respeito do compromisso social, 43% dos alunos conceituou como compromisso com a sociedade, destes 37% referem-se à uma sociedade abstrata, idealizada, na qual eles estariam colocando à disposição seus serviços profissionais: *“É quando exercemos um serviço profissional e temos um compromisso com a sociedade de realizarmos o melhor possível desta nossa profissão”*. As respostas não evidenciam o verdadeiro sentido de compromisso enquanto responsabilidade com a sociedade, este engajamento com o social parece não ser assumido realmente. Outros 6% referem-se à uma sociedade desigual na qual o aluno deve aplicar os conhecimentos adquiridos para transformação da realidade posta: *“Aplicar o que você aprendeu, buscar soluções e tentar colocá-las em prática, independente de classe social, raça..”*.

Outros 19% das respostas conceituaram como ajuda ao próximo, resumindo compromisso social às pessoas que passarão por sua trajetória profissional. O compromisso com a sociedade em geral e com o país não é assumido: *“Estar ciente, ser crítico e ajudar as pessoas que mais necessitam, em relação a problemas sociais”*.

Aproximadamente 19% das respostas colocam o compromisso social como um dever de cada um: *“Tarefa que tenho por dever, uma vez que participo em um contexto organizado de vida”*. Podemos comparar com o exercício do voto, ao qual muitas pessoas se acham na **obrigação** (dever do cidadão) e nem mesmo compreendem a importância do ato e não analisam ser este um **direito** necessário para que seu real papel de cidadão possa ser exercido em uma direção ou outra, podendo portanto, mudar o rumo das coisas e da história.

É importante destacarmos que 19% não responderam a esta questão, o que pode demonstrar que boa parte dos futuros egressos não entendeu seu papel social.

Analisando as respostas percebemos que os alunos não demonstram preocupação real ou responsabilidade com o país, não se consideram agentes transformadores da história, e os que se dispõem a transformar, se acham capazes de atuar no espaço micro-social apenas. Como profissionais da saúde e, acima de tudo como cidadãos, deveriam se preocupar em discutir e participar efetivamente da construção de um país melhor, sendo agentes do processo de reconstrução social.

GRÁFICO 5 - Concepção de Cidadania de alunos concluintes do curso de Graduação em Enfermagem, Campinas PUC-Campinas, 1998.



Trabalhando com o questionamento acerca de Cidadania, observamos que a maioria dos respondentes (33%) utilizam-se do clichê: “direitos e deveres” para expressar-se, ficando evidente que cidadania é um conceito aprendido teoricamente e disseminado sem que o seu significado seja, minimamente, entendido e vivido. Destes, 24% acreditam que é de forma natural que isso acontece, 3% acreditam que esses direitos e deveres devem ser conquistados e 6% vêem como algo materializado em educação, saúde, moradia e segurança.

Outros 6% dos respondentes afirmam que cidadania é dever, mas não explicitam de quem para quem, ou do quê. E 28% colocam somente como direito.

Ao se tratar de futuros egressos, o aparente não entendimento sobre cidadania é preocupante, pois eles conviverão com diversas pessoas, de diferentes níveis da sociedade, e terão, como um de seus papéis, conscientizar a população de como ela pode e deve mudar algo que lhe esteja incomodando. É justamente aí que entraria a questão do que é ser cidadão, como usufruir deste direito. É muito cômodo para o Estado que as pessoas não exijam e nem exercitem a cidadania, já que a população mais esclarecida pode intervir com maior pertinência em uma estrutura metodicamente estudada e pré-estabelecida pelos governantes. Torna-se imprescindível voltarmos a nos referir ao neoliberalismo, visto que para a lógica de mercado - marca registrada desse modelo social - ser cidadão não é o que importa, o importante é ser consumidor: consumidores geram lucro, cidadãos geram problemas.

Verificamos que a cidadania surgiu com a vida nas cidades e está relacionada com a capacidade que o ser humano tem de exercer direitos e deveres.

Segundo a Carta de Direitos da Organização Mundial de Saúde, de 1948, ser cidadão significa ter direitos e deveres, ser considerado igual perante a lei - não havendo discriminação de raça, credo e cor.

Ainda como forma esclarecedora, podemos falar em cidadania de uma maneira mais sistematizada, organizada em direitos civis, políticos e sociais (Marshall, 1967). Segundo ele, os direitos civis são os necessários à liberdade individual, tais como a liberdade de ir e vir, a de imprensa, do pensamento e fé, liberdade à propriedade e à justiça. Os políticos seriam o direito do cidadão em participar no exercício do poder político, seja como membro de um órgão partidário ou como um eleitor. Os sociais vão desde o direito a um mínimo bem estar econômico, segurança, ao direito de participar por completo na herança social e levar a vida de um ser civilizado.

Retratando a questão aqui no Brasil percebemos que falar sobre cidadania não é muito fácil. A idéia divulgada e tão debatida é a cidadania de Primeiro Mundo, onde há mais cidadãos conscientes que sabem lutar e reivindicar de seus governantes os direitos que lhe cabem. No Brasil, a população nem mesmo tem acesso aos serviços básicos de saúde a que tem direito,

e passa horas em uma fila de hospital sem ter a garantia de que será atendida, e só chegando a casos extremos como este recorrem a outros órgãos que possam lhe assegurar o direito a uma vida mais digna. Falta uma conscientização de que todos têm direitos, e que, principalmente, todos têm o dever de fazer com que estes direitos prevaleçam e sejam respeitados.

GRÁFICO 6 - Concepções sobre Sistema de Saúde Brasileiro dos alunos Enfermagem, Campinas, 1998.



Sobre o sistema de saúde brasileiro, o que mais se evidenciou (59% das respostas) foram queixas à precariedade do sistema, colocadas de modo vago, como algo desvinculado do profissional da saúde e sobre o qual ele parece não assumir responsabilidade: "*Há muitos problemas a serem resolvidos; não existe respeito ao paciente e sem este conceito fica difícil*" "*As pessoas que dependem dele estão perdidas*" ou ainda "*Uma grande sacanagem*".

Outros 30% das respostas colocam a responsabilidade do sistema de saúde como um problema do governo e de quem o administra, se desresponsabilizando como cidadão e como profissional da saúde. Parecem não entender o Artigo 198 da Constituição BRASIL, (1988) que deixa clara a participação que a comunidade tem. "As ações e serviços públicos de saúde integram uma rede regionalizada e hierarquizada e constituem um sistema único, organizado de acordo com as seguintes diretrizes: I. descentralização, com direção única em cada esfera de governo; II. atendimento integral, com prioridade para as atividades preventivas, sem prejuízo dos serviços assistenciais; III. participação da comunidade".

Assim se expressam: "*Um grande problema do governo que repercute diretamente no usuário que depende desse sistema SUS*", "*É deixado de lado pelo governo, que ainda não acordou para a importância de um plano bem elaborado e de verbas suficientes destinadas à saúde, para que a população tenha um atendimento de saúde digno, o aliás, é um direito*".

O sistema de saúde para o aluno conculinte, parece fazer parte de uma esfera desligada dos outros problemas sociais brasileiros, demonstrando ainda uma certa ingenuidade na concepção de saúde ou uma alienação acerca dos verdadeiros responsáveis pela falência do sistema brasileiro, fruto do projeto neoliberal que se fundamenta – que mercantiliza também a saúde, como se ela pudesse ser negociada. "... na desigualdade como valor fundamental para estimular a vitalidade da concorrência da qual depende a prosperidade de todos. Abole a democracia como valor central pois a vontade democrática da maioria é incompatível com a liberdade individual dos agentes econômicos" (Queiroz; Salum, 1996).

Apenas 9% das respostas apontam expectativas de melhora do sistema, porém também não se consideram agentes transformadores. "*Sistema em fase de desenvolvimento*" ou "*Em processo de crescimento*".

Observamos que mesmo estando no 4º ano, os alunos não se vêem como parte integrante do sistema. Concordamos com Costa Neto (1996, p.6), quando diz que: "mínima vem sendo a discussão interna (nas universidades, entre as diversas áreas, buscando formas de participar,

na prática, da construção de um sistema técnico e socialmente competente. Seria necessária a formação de profissionais capacitados a desenvolver ações voltadas à realidade social que irão encontrar”.

CONCLUSÃO

Percebemos que não há profundidade nas concepções avaliadas e, mais do que isto, em alguns casos, não há a própria formação da concepção; talvez por falta de subsídios oferecidos durante o processo formativo ou pela forma como estes foram trabalhados. Observa-se que os futuros egressos ainda não evidenciam avanços nas concepções de mundo, de educação e saúde, mesmo estando às portas de deixar a universidade. Reconhece-se ainda a heterogeneidade dos alunos nesse quesito contrastando com a aparente semelhança no domínio de conteúdos específicos (perfil tecnicista) e que sustenta a gerência da assistência. Destacamos ainda, o movimento dialético que afeta as práticas docentes, oscilando entre, reforçar a formação diferenciada ou insistir na formação orientada pela lógica cartesiana-newtoniana. Diante da realidade diagnosticada, a pesquisa aponta para uma necessidade urgente de repensar discursos e práticas do curso, já que trata-se de uma das maneiras de avaliar como estão os futuros egressos da faculdade.

Não podemos deixar de ressaltar que esta Escola está, assim como todo corpo social, tomada pela lógica neoliberal, que em realidade garante e impõe a reprodução de sujeitos sociais com escassa autonomia na compreensão e intervenção crítica no mundo; servindo consciente ou inconscientemente de instrumento de uma política antidemocrática, o que sugere um retrocesso nas conquistas sociais.

Conclui-se que a avaliação contínua do projeto educacional e, a criação e ampliação de fóruns para discussão de grandes temas sociais, nem sempre devidamente explorados na dinâmica curricular dos cursos de Enfermagem, são estratégias vitais para a consolidação de uma formação comprometida com a cidadania coletiva, diminuindo as distâncias entre o discurso e a ação, a teoria e a prática, ampliando as chances de concretização de projetos pedagógicos efetivamente críticos e transformadores.

ABSTRACT: The objective of this study is to verify to what extent the concepts of university, citizenship, social compromise and health system influence the nursing practice. These topics were analysed through questionnaires answered by senior nursing students. The pedagogical project of this course was used as reference to analyse students' speech. The study showed that these prospective professionals didn't have a satisfying advance concerning their view on education, health and conception of the world. This result suggested that this pedagogical proposal has to be constantly reexamined in order to broaden students' view on the aspects mentioned. It was noticed that students' discourses were heterogeneous, and contrasted with the apparent homogeneity in the understanding of specific contents. The research highlights the dialectical movement that affects the teaching practice, which oscillates between a critical formation and Descartes' logic. It was concluded that a continuous evaluation of the educational project is a vital strategy to consolidate a formation compromised with citizenship.

KEY WORDS: citizenship, social compromise, nursing teaching

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es constatar, a partir de una encuesta a los alumnos del último año del curso de graduación, que concepto tienen de universidad, ciudadanía, compromiso social y sistema de salud que sintetizan su manera de ver y practicar la enfermería. El proyecto pedagógico del curso se toma como referencia para los análisis del discurso de los alumnos. Se observa que los futuros egresos aún no notan avances en las concepciones de mundo, de educación y salud. Ello sugiere que la propuesta pedagógica precisa ser constantemente evaluada para que tenga impacto

y amplie la visión de los estudiantes. Se reconoce la heterogeneidad discursiva de los alumnos, en contraste con la aparente semejanza en el dominio de los contenidos específicos. Se destaca el movimiento dialéctico que afecta la práctica de los docentes y que oscila entre una formación crítica y una formación orientada por la lógica cartesiana. Se concluye que la evaluación continua del proyecto educacional es estrategia vital para la consolidación de una formación comprometida con una ciudadanía colectiva.

PALABRAS CLAVE: enseñanza en enfermería, ciudadanía, compromiso social

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *Constituição*: República Federativa do Brasil, 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.
- COSTA NETO, M.M. et al. Um estudo sobre o conhecimento construído com os alunos do ciclo básico do curso médico da Universidade de Brasília sobre o sistema único de saúde. *Rev. de Saúde do Distrito Federal*, v.7, n.1, jan./mar. 1996.
- FACULDADE DE ENFERMAGEM. *Projeto Pedagógico*. Campinas: PUC-Campinas, 1994.
- GENTILI, Pablo. Adeus à escola pública, à desordem neoliberal, à violência do mercado e o destino da educação das maiorias. In: *Pedagogia da Exclusão: crítica ao Neoliberalismo em Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995. Cap. 8, p. 208-252.
- QUEIROZ, V.M.; SALUM, M.J.L. Globalização econômica e a aparição na saúde: reflexão crítica para o pensar/fazer na enfermagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENFERMAGEM, 48., 1996, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ABEn, 1996.
- MARSHALL, T.H. *Cidadania, classe social e status*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- MINAYO, M.C. *O desafio do conhecimento*. Rio de Janeiro: Hucitec, 1996.
- RODRIGUES, L.C. *Rituais na Universidade*. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.
- SUÁREZ, Daniel. O princípio educativo da nova direita: Neoliberalismo, Ética e Escola Pública. In: *Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neoliberalismo em Educação*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995. Cap. 9, p. 253-270.